

MEMÓRIA DA ESCOLA: LEMBRANÇAS DE VELHOS

Márcia Aparecida Luna Rodrigues Germano – UNISO
Marcos Reigota - UNISO

Resumo

Este trabalho foi realizado com um grupo de alunos idosos com mais de 60 anos que frequentam uma classe do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos da Universidade de Sorocaba – UNISO. Através das conversas do cotidiano realizadas com oito alunos, sendo cinco mulheres e três homens, procuramos resgatar a memória da escola no tempo de sua infância através de suas lembranças, relacionando conceitos da pedagogia freireana, especificamente no que se refere aos conceitos de: leitura de mundo, sujeitos da história e educação escolar; e analisando também segundo Ecléa Bosi e Simone de Beauvoir, assuntos sobre como, e o que pensam os idosos a respeito de assuntos como: escola, autonomia, cidadania e dignidade.

Palavras Chaves: cotidiano, memória e escola.

Abstract

This paper is resulted of a research with a older men and women group about their memories of school. They are students of a literacy project at University of Sorocaba. With the methods of talking in every day life between researchers and three men and five women we tried get their memories of school and their feelings about to go back to school when they are more than 60 years old. In our research we tried get relationships between their memories with studies of Ecléa Bosi, Simone de Beauvoir and Paulo Freire's concepts of autonomy, citizenship and dignity.

CONVERSAS DO COTIDIANO: UMA OPÇÃO METODOLÓGICA

As conversas do cotidiano permeiam as mais variadas esferas de interação social; “conversar é uma das maneiras por meio das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas relações que estabelecem no cotidiano” (MENEGON, 1999, p. 216).

Optamos por realizar conversas do cotidiano com nossos alunos, por ser extremamente rica, além do aspecto informal que proporciona o diálogo; as conversas são expressões vivas do contexto cotidiano de cada um:

“Quando, no entanto, se entende que, para além de mero reflexo ou redução de uma outra realidade, o cotidiano, mantendo múltiplas e complexas relações com o mais amplo, é tecido por caminhos próprios trançados com outros caminhos, começa-se a entender que as fontes usadas para “ver” a totalidade do social não são nem suficientes, nem apropriadas. Ao lidar com o cotidiano preciso, portanto, ir além dos modos de produzir conhecimento do pensamento herdado, me dedicando a buscar, outras fontes, todas as fontes, na tessitura de novos saberes necessários”. (Alves, 2001, p. 26,27).

Ao refletirmos sobre o cotidiano de pessoas, descobrimos riquezas e muitos significados; pois no cotidiano não podemos controlar ações, atitudes, que surgem espontaneamente e as pessoas sentem-se à vontade, para expor suas idéias e pensamentos sem sentirem-se observadas.

“Quando falamos, estamos invariavelmente realizando ações – acusando, perguntando, justificando etc. -, produzindo um jogo de posicionamentos com nossos interlocutores, tenhamos ou não essa intenção”. (Spink, 1999, p.47). E é nessas ações que se constituem a produção dos sentidos e o modo como cada um se posiciona nas relações sociais cotidianas.

Sendo assim, as conversas com os alunos e alunas foram obtidos através de uma classe de alfabetização do Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos, da Universidade de Sorocaba, que são realizadas duas vezes na semana, com senhores e senhoras aposentados.

Decidimos realizar as conversas com oito alunos (sendo cinco mulheres e três homens), com idade superior a sessenta anos. Tivemos três encontros, sendo na própria sala de aula e durante as visitas semanais que realizamos para acompanhar o processo pedagógico. Nessas visitas sentávamos com os alunos e íamos conversando, ou seja, batendo papo; sobre assuntos das aulas e das professoras, também assuntos do dia a dia, dos filhos, dos netos, da vida, e às vezes fazíamos perguntas: Porque voltaram a estudar? O que esperam? Porque não estudaram quando crianças? Durante essas conversas foram observadas suas necessidades, seus desejos, seus sonhos, e depois em nossa casa anotávamos todas aquelas conversas. Esses relatos foram em forma de conversas espontâneas, sem que houvesse influência ou direcionamento de nossa parte. Os alunos foram deixados livres para que se expressassem; nos momentos em que fazíamos as perguntas, o procedimento era como se estivéssemos em uma conversa natural.

Optamos por descrever os nossos alunos com o nome de flores, as mulheres nomes femininos e os homens masculinos. A escolha de colocar nomes de flores para os alunos é porque sentimos nos mesmos um sentimento de desabrochar para a vida.

Mulheres: Margarida, 65 anos; Tulipa, 60 anos; Rosa, 72 anos; Gardênia, 63 anos; e Orquídea, 64 anos.

Homens: Cravo, 65 anos; Gerânio, 62 anos; e Crisântemo 73 anos.

MARGARIDA, 65 anos.

É uma senhora de estatura baixa, magra, cabelos curtos e pretos, fala bem, rosto alegre, é casada e tem dois filhos, a filha é formada em administração e o filho é engenheiro.

Morava quando criança em um sítio em Rui Barbosa, Bahia, com os pais e sete irmãos. Quando ela tinha seis anos a mãe morreu e a “vó” veio cuidar dos netos. Sua “vó” não a deixava estudar, pois dizia que mulher só estudava para escrever cartas para o namorado; e o pai dizia que mulher não precisava estudar, e sim aprender a cozinhar e cuidar da casa.

Margarida ajudava na plantação de mamona (para fazer o azeite de mamona), de feijão de corda, de batata, frutas (melancia, mamão) e milho.

Conseguiu estudar apenas um mês. A escola ficava muito longe do sítio, eram mais de duas horas caminhando na mata fechada, com muitas cobras. Aprendeu apenas a escrever seu nome, e o pai a tirou da escola.

A família foi morar em outro sítio, ela novamente voltou a estudar, mas ficou apenas um mês, pois o pai a tirava da escola justificando que precisava de sua ajuda na roça.

Margarida lembra que uma época ficou uns três anos sem chover.

Veio morar em São Paulo em casa de família. Era na casa da irmã de sua madrasta, e era essa senhora de 52 anos, que escrevia cartas para ela se comunicar com o pai.

Depois de casada, os filhos eram pequenos, ela foi estudar no Mobral durante seis meses, mas desistiu por causa dos filhos e do marido, porque ele não gostava de chegar do trabalho e não encontrar a esposa em casa e muito menos não encontrar o jantar pronto.

Sentiu necessidade do estudo neste momento de sua vida para ler um livro, às vezes ela gostaria de fazer uma receita nova e não pode porque não consegue ler, no banco a filha que recebe por ela.

No Natal ela gostaria de escrever cartões para os amigos, mas não consegue e não pede a filha por achar que vai incomodá-la. Margarida relata uma vez que foi madrinha de casamento e na hora de assinar o nome ela suava, tremia, ficando muito nervosa.

Para Margarida a frase que a acompanha é “Tenho tudo e não tenho nada”, para ela ter uma casa, família, uma situação estável, não foi suficiente, ela sente como se não estivesse completa, como se não tivesse nada.

TULIPA, 60 anos.

É uma senhora de estatura mediana, usa óculos, cabelos curtos um pouco crespos, parece ser uma pessoa alegre, gosta de conversar, é casada e teve cinco filhos. Morava quando criança em uma fazenda em Santa Maria, Paraná. Eram colonos na fazenda plantando arroz, milho e feijão. Tinham galinhas e porcos. A casa era de chão batido e o telhado de bambu, o que fazia com que chovesse bastante dentro da casa.

Para estudar, ela e os seis irmãos tinham que ir até outra fazenda (uns 15 Km mais ou menos). Somente com dez anos ela foi à escola ficando apenas dois meses porque o dono da fazenda não podia mais pagar a professora e a escola acabou fechando. Ela lembra que somente uma irmã aprendeu a ler.

Ela e os irmãos andavam sempre descalços, calçavam chinelos só quando iam sair. Ela também nos conta que de quinze em quinze dias ia um padre na fazenda rezar uma missa, e todos os colonos das outras fazendas iam para participar da missa.

Depois de casada foi estudar no Mobral, escondida do marido. Foi aí que aprendeu a ler um pouco e a escrever o nome. O marido não a deixava estudar porque para ele “mulher casada que sai de casa, é mulher que não presta, que vai encontrar-se com outros homens”.

Seus filhos agora adultos a incentivaram a estudar, e o marido talvez por influência dos filhos agora não acha mais ruim.

Porque voltou a estudar, Tulipa? “Porque as pessoas falam mulher jacu, não sabe ler nem escrever, fala só errado, não sabe nem conversar. Eu não quero mais isso na minha vida”.

ROSA, 72 anos.

É uma senhora magra, estatura baixa, cabelos curtos, tem aparência delicada e meiga ao falar, é casada e teve três filhas e um filho. Hoje tem nove netos e um bisneto. Gosta muito de cozinhar para seus familiares, seus pratos prediletos são macarronada, arroz de forno e bolo.

Trabalhou como ajudante em laboratório de remédio e em fiação de tecido em uma fábrica de Botucatu. É aposentada por problemas na coluna.

Rosa nunca foi à escola. Morava em uma fazenda em São Manoel – SP, onde seu pai era meeiro¹ numa plantação de café.

Seus pais possuíam uma plantação própria de milho, arroz e feijão. Ela não ajudava na roça, somente no serviço da casa e levava água em uma lata na cabeça para os animais como porco, cavalo, galinha.

Seu pai teve quatro filhos sendo só ela de mulher. Ela se lembra que tinha um tio que vinha na fazenda ensinar os estudos, mas somente para os irmãos, pois seu pai dizia que mulher não precisava aprender a ler e a escrever, porque não iria usar para nada. “Mulher é para casar e cuidar dos filhos”.

Rosa conta que foi seu marido que a ensinou a escrever seu nome quando eram recém casados. Por essa razão nos conta que muitas vezes pegou ônibus errado e que o marido é sempre quem decidiu tudo.

Agora que ela cuidou dos filhos disse que iria cuidar dela e que tinha vontade de estudar. O marido e os filhos a apoiaram nessa decisão.

ORQUÍDEA, 64 anos.

É uma senhora mulata, alta e magra, possui cabelos curtos e encaracolados, tem um sorriso simpático e franco, é viúva, tem quatro filhos e nove netos. Trabalhou na limpeza e serviço de café da loja D’Paschoal, em Sorocaba. Aposentou por problemas de saúde.

Também morou em um sítio numa casa de barro e forno à lenha. Ajudava na roça. Seu pai dizia que mulher não era para estudar, era somente para ajudar nos serviços da casa. Ficou apenas dois meses na escola, ela lembra que para ir à escola levava mais de uma hora de caminhada. Quando seu pai a tirou da escola ela ficou triste e chorou muito, pois gostava de estudar.

Quando veio para a cidade foi trabalhar em um restaurante na limpeza e fazendo café.

Casou, teve quatro filhos. Ela gostaria de ler um livro, o jornal e não consegue, quis voltar a estudar e seus filhos a incentivaram muito.

Orquídea diz que está feliz, “Agora sei ir a um banco sozinha, sem a ajuda de ninguém”.

GARDÊNIA, 63 anos.

É uma senhora de estatura mediana, mulata, cabelos bem curtos e tingidos de cobre, alegre, bem disposta, parece que está sempre de bem com a vida, É viúva e teve quatro filhos.

¹ Aquele que planta em terreno alheio, repartindo o resultado das plantações com o dono das terras. Novo Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa - Folha de São Paulo. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988, pg. 425.

Morou em um sítio e seu pai não a deixava estudar, porque para ele isso era coisa de homem. Ela tinha onze irmãos, a vida era muito difícil.

Gardênia conta que casou e foi morar em um sítio com seu marido, quando ela ficou viúva precisou vender o sítio. No cartório ela não conseguia assinar o nome e não queria colocar o dedo, as pessoas do cartório escreviam o nome para ela copiar, mas ela não conseguia; ela diz que ficou muito nervosa e suava muito, ficando a tarde inteira no cartório, para conseguir assinar o nome. Josefina diz que nunca se sentiu tão humilhada na vida, “nunca passei tanta vergonha na minha vida”.

Gardênia nos mostra seu Registro de Identidade que está escrita à palavra “analfabeta” no lugar da assinatura. Para ela essa palavra dói, machuca. Quer estudar para nunca mais passar a humilhação que ela passou, e quando aprender a assinar o nome a primeira coisa que ela vai fazer é trocar o seu documento com a sua assinatura.

Gardênia diz que sente como se somente enxergasse metade das coisas. “Neste momento é como uma porta que está se abrindo para mim”.

CRAVO, 65 anos.

É um senhor baixo, magro, cabelos brancos e levemente encaracolados, é uma pessoa com olhar triste, parece ser uma pessoa carente de atenção e carinho, às vezes parece agressivo, mas é para chamar atenção. É viúvo e teve um filho.

Também morou em um sítio, estudando um tempo que ele não lembra quanto foi. O que ficou muito marcado em sua memória é que a professora batia muito nele com a palmatória e quando ele chegava em casa, por conta de ter apanhado da professora, o pai também batia nele. Talvez por isso ele não tenha muitas lembranças boas da escola e da infância.

Para ele saber ler e escrever é não precisar dos outros. Às vezes quer escrever uma carta para os parentes que moram longe e tem que pedir ao filho, “ele diz que vai escrever, mas esquece e está sempre ocupado, nunca tem tempo para mim”.

GERÂNIO, 62 anos.

É um senhor alto, magro e um pouco calvo, usa óculos; simpático, conversa bem, é casado e tem cinco filhos e treze netos.

Morava em um sítio em Minas Gerais, tendo que ajudar o pai na roça, e por isso seu pai não o deixava ir à escola. Plantavam milho, arroz, feijão e mandioca. Saiu de casa com quatorze anos para trabalhar no café, na fazenda Monte Alegre no município de São Jorge, Paraná.

Casou com vinte anos e foi trabalhar como ajudante de cozinha por quinze anos, depois cozinheiro industrial por mais quinze anos. Quando tinha trinta anos foi estudar no Mobral, mas diz que não aprendeu nada, só assinar o nome.

Quando ele aprendeu a assinar o nome e pode trocar o documento, e tirar a palavra “analfabeto” e colocar sua assinatura, foi a maior alegria de sua vida, nunca esquece e nem esquecerá este momento e a satisfação que sentiu.

CRISÂNTEMO, 73 anos.

É um senhor magro, estatura mediana, cabelos lisos tingidos de preto, pele bem branca, olhos verdes e usa óculos. É simpático, alegre, nunca está de mau humor, e se concentra muito nas lições, gosta de conversar. É viúvo tem dois filhos, um é portador de deficiência mental, e depende do pai para tudo. Crisântemo é quem realiza todo serviço da casa sem ajuda de ninguém, desde cozinhar, lavar e passar.

Morou em um sítio em Capão Bonito com mais dois irmãos e três irmãs. Trabalhava na roça desde os seis anos de idade. Quando ele tinha treze anos, seu pai faleceu, e os irmãos mais velhos tiveram que assumir toda a responsabilidade da família. Apenas um irmão caçula que na época tinha quatro anos estudou.

Crisântemo casou com vinte e sete anos; aprendeu a escrever sozinho, tirou carta de motorista e trabalhou de motorista com caminhão por três anos e meio e depois com ônibus na empresa São João por vinte e um anos. Ele nos conta que tirou sua carta de motorista na cidade de Curitiba, e para conseguí-la ele tinha que dar algumas voltas pela cidade com um guarda rodoviário, e se o guarda aprovasse depois de trinta dias a carta chegava.

Crisântemo não gosta de ficar parado e é envolvido em outras atividades, faz ginástica e caminhadas; voltou a estudar porque sente necessidade de aprender mais, ele nos diz que quer saber mais as coisas.

ANÁLISE

Margarida mesmo não sabendo ler e escrever lutou para que seus filhos tivessem uma condição melhor, ou seja, pudessem concluir estudos universitários. “Enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de ser, a resposta destes à violência daqueles se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser”. (FREIRE, 1987, p. 43). Um direito que Margarida não alcançou, mas a sua busca do direito de existir ela passou para os filhos.

Observamos que quando solteira Margarida sofria a opressão do pai, pois mulher não era para estudar, mas para cuidar dos afazeres domésticos. Depois de casada, era o autoritarismo do marido:

“Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”. (FREIRE, 1987, p. 30, 31).

Nas conversas de Margarida, Rosa, Orquídea e Gardênia, notamos que a questão do autoritarismo paterno era bem forte.

No relato de Tulipa, entretanto, observamos o pai não era o opressor, mas sim o marido, para estudar no Mobral, ela teve que ir escondida dele, sendo sua fala na ocasião: Mulher que sai de casa não é séria!

Com o tempo, porém, seu marido ficou mais flexível e hoje apóia sua decisão de estudar: “Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de ser mais”. (FREIRE, 1987, p. 52). Importante ressaltar, que nas falas de Freire (grifo nosso) notamos que o autor, quando faz referência aos homens, subentende-se também que ele está falando de homens e mulheres.

Quando Margarida veio para São Paulo morar com a irmã de sua madrastra, era ela quem escrevia cartas para o pai de Margarida; “De qualquer modo, é certo que a passagem de um tipo de cultura a outro depende em grande parte, para o seu êxito, do ritmo com que se dá a incorporação dos traços”. (Cândido, 2003, p. 253).

Depois de casada foi estudar no Mobral, mas apenas seis meses, que foi o Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral, lançado pelo Governo Militar em 1967. “A primeira coisa é a seguinte: é que, se eu e o MOBREAL fizéssemos a mesma coisa um de nós estaria totalmente errado! Nem eu erro, nem o MOBREAL! Vale dizer que nós somos radicalmente diferentes”. (FREIRE, 2003, p. 142). Era um Programa que separava o aluno do processo ensino-aprendizagem, com uma realidade que não condizia com a leitura de mundo do educando.

Notamos nos relatos de Margarida, Tulipa e Gerânio, que foram alunos do Mobral, que isso resultou em apenas escrever o nome e ler um pouco, efetivando o abandono do curso. O aluno não sentia como o realizador de sua própria aprendizagem, eram questões sem abordagem crítica, apenas aceitando o que era imposto, sem haver o diálogo que permeia todo o conhecimento. “Se é dizendo a palavra com que “pronunciando” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens”. (FREIRE, 1987, p. 79).

Rosa, Gardênia, Crisântemo nunca foram à escola no tempo de sua infância e nem frequentaram aulas do Mobral. Rosa aprendeu apenas a escrever o nome com o marido; Crisântemo aprendeu a escrever o nome sozinho, talvez copiando o próprio nome, e Gardênia passou por uma experiência em um Cartório onde ela não conseguia assinar o nome, mas do qual ela não abria mão, fazendo questão de escrever o seu próprio nome:

“Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança”. (FREIRE, 1992, pg. 91).

A esperança de Gardênia e de Gerânio, de poder tirar a marca da sua impressão digital do seu documento de identidade no lugar de sua assinatura, para então poder assinar o seu próprio nome, com sua letra, um momento de plena satisfação, de que é possível, sua

“identidade” sendo resgatada, de ser cidadã, de que as transformações ocorrem e esse poder está nas mãos de cada um:

“Muitos terão, possivelmente sofrido, e não pouco; ao refazer sua leitura do mundo sob a força de nova percepção: a de que, na verdade, não era o destino, nem o fado nem a irremediável sina que explicavam sua impotência, como operário...”. (FREIRE, 1992, p. 33).

Gardênia e Gerânio nos contam da sua alegria quando conseguiram escrever o seu nome, quando descobriram esse novo mundo, a humilhação de dizer: não sei escrever nem meu nome. Sua assinatura, como a marca de sua vitória, de que é capaz, sentir-se útil, a satisfação de ter conseguido, o sonho acalentado no ser mais íntimo, agora despertado, nesse instante, começam a escrever uma nova história:

“Era como se, de repente, rompendo a “cultura do silêncio”, descobrissem que não apenas podiam falar, mas, também, que seu discurso crítico sobre o mundo, seu mundo, era uma forma de refazê-lo, era como se comessem a perceber que o desenvolvimento de sua linguagem, dando-se em torno da análise de sua realidade, terminasse por mostra-lhes que o mundo mais bonito a que aspiravam estava sendo anunciado de certa forma antecipado, na sua imaginação”. (FREIRE, 1992, p. 40).

Nesse sentido, fazer a diferença e se apropriar de sua história, como Gardênia e Gerânio, na vontade de “ser mais”, direito de todos, pois:

“Tomar a história nas próprias mãos antecede o começo do estudo do analfabeto. O processo de alfabetização é muito mais fácil do que o processo de tomar a história nas próprias mãos, uma vez que isto traz consigo necessariamente o ‘reescrever’ a própria sociedade”. (FREIRE, 1990, p. 56).

Quando Gardênia e Gerânio expressam sua alegria diante deste gesto tão simples, para tantos de nós, mas para eles cheios de um real e profundo significado, mais do que escrever apenas o nome em um documento, os sentimentos escondidos de rejeição, de negar-se a si mesmo, de dependência de alguém; descobrir um novo caminho, um novo olhar, como vemos:

“Não posso entender os **homens e as mulheres**, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu “caminho” que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao “caminho” que estão fazendo e que assim os refaz também”. (FREIRE, 1992, p. 97).

Neste momento percebemos em Freire uma mudança, em seus textos a palavra ‘homens’ é trocada por ‘homens e mulheres’, o próprio autor acompanhando as transformações do mundo, onde não há apenas homens, mas sim homens e mulheres: “É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, e retocar o sonho por causa do qual a gente se põs a caminhar”. (FREIRE, 1992, p. 155).

Observamos também em Margarida, Orquídea e Cravo o sentimento de não querer depender de alguém, de um filho, para coisas simples como escrever uma carta, ler um livro, ir até o banco, eles querem realizar essas tarefas sozinhos.

Querer e buscar ser o centro do seu EU, do seu mundo, ser o autor de seus atos e desejos, assumir sua identidade, não feita por outros.

Na época da infância, décadas de 30 e 40, devido a todos morarem em localidades rurais; nas fazendas onde havia escola, o caminho era muito difícil e longe, obrigando aos alunos uma grande caminhada, e acabando por tomar um tempo precioso, e seus pais precisavam do trabalho dos filhos na lavoura, sendo que os pais não percebiam da necessidade do estudo na vida de seus filhos:

“[...]a família é para todos a única instituição educativa, e certos pais vêem com desconfiança a alfabetização que os separa muito dos filhos, transformando-os em letrados. Segundo um morador, a filha que aprende rudimentos de leitura e escrita com a senhora de um fazendeiro já estava muito adiante dele, porque “sabia ver as letras”. E

ela própria alegava não ter necessidade de mais instruções, pois já sabia escrever o seu nome e o dos pais”. (CÂNDIDO, 2003, p.315).

Além das mulheres que o pai não permitia que elas estudassem notamos também que o pai de Gerânio não o deixava ir a escola, Não sabemos se havia alguma razão para esta atitude, ou simplesmente porque precisava do trabalho do filho na lavoura e não poderia dispor dessa mão-de-obra. Para eles a atitude do pai não representava uma negativa, de impedir algo; aceitavam o que o pai determinava como sendo o correto, sendo que a figura paterna representava uma imagem muito forte no universo caipira: “Do ângulo das crianças a família é praticamente o mundo, delimitando as fronteiras dentro das quais se dá a educação e se forma o conhecimento das coisas”. (CÂNDIDO, 2003, p.314).

A busca por uma condição melhor de vida, leva-os a abandonarem o campo e buscarem um novo lugar em busca de melhores condições de trabalho; pois a terra no qual viviam e plantavam na maioria das vezes era em parceria com o proprietário, ele cedia a terra, e arrendava o sítio para a plantação em troca de dividir a colheita. Isso muitas vezes ocasionava uma migração para outras terras, acabando por não fixar a família:

“Não se trata mais agora da agricultura itinerante, nem da busca de novas terras para substituir as que se tornam inóspitas por cansaço ou expulsão. Trata-se, da mobilidade como fuga a sujeição econômica total - seja mudando de um lugar na mesma área, seja buscando zonas pioneiras, seja rompendo com o passado e migrando para a cidade”. (CÂNDIDO, 2003, p.278).

Nas conversas aqui formuladas notamos que as famílias de todos saíram de seus lugares e foram em busca de um novo trabalho, de uma nova moradia, acabando na “cidade”, onde o trabalho com a lavoura ficou para trás, e foram trabalhar em outras atividades, como observamos: trabalho em casa de família, ajudante de laboratório, fábrica de tecidos, auxiliar de serviços gerais, cozinheiro e motorista:

“Modernamente, o êxodo rural separa com mais frequência o indivíduo da família, criando novo fator de instabilidade e ameaçando a sua estrutura. E a circulação constante de famílias em busca de melhores condições de trabalho continua – como antes a agricultura itinerante – a dificultar a integração regular dos grupos familiares em estruturas mais amplas”. (CÂNDIDO, 2003, p. 319).

Nas conversas com Cravo ele nos conta que apanhava na escola e também depois na casa; essa condição gerava no pai um sentimento de desonra, pois os pais consideravam-se “donos” de seus filhos:

[...][“antigamente o filho se dirigia ao pai de olhos baixos e lhe obedecia a vida toda. [...] Segundo João Chagas não havia brutalidade, porque não era preciso: os pais governavam os filhos com o olhar até ficarem homens. Mas se saíam dos trilhos os castigos eram severos, menos por ocasião da Quaresma, quando havia anistia geral”. (CÂNDIDO, 2003, p. 312).

Quando o filho ia para a escola, e o pai recebia a notícia de que o filho apanhou da professora na escola; isso representava para o pai tempo perdido, pois deixando que o filho fosse estudar dispensando-o de seus afazeres, acabava por se tornar infrutífero; o filho ao trabalhar na roça era considerado pelo pai numa relação igualitária e não mais merecedor de castigos corporais:

“Vimos há pouco que o começo da lida na roça marca geralmente o fim dos castigos corporais. Com efeito, para o caipira o trabalho é o critério principal para determinar a passagem à idade adulta. Os meninos desde cedo ajudam os pais na faina da lavoura, mas apenas quando apresentam certo vigor físico, aos treze ou quatorze anos, recebem o peso total do serviço do eito”. (CÂNDIDO, 2003, p. 315).

Notamos nos relatos dos alunos e alunas o desejo de estar além do que espera para alguém nesse momento que caracteriza a “velhice”. A sociedade espera que eles fiquem sentados, fazendo crochê, cuidando dos netos, como se o conhecimento da vida cotidiana que

eles até este momento o possuem, perderam seu valor por causa da “velhice”. “É a impotência de transmitir a experiência, quando os meios de comunicação com o mundo falham. Ele não pode mais ensinar aquilo que sabe e que custou uma vida para aprender”. (BOSI, 1994, p. 79).

Mas, conforme a mesma autora observamos: “Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos”. (BOSI, 1994, p. 80).

Nessa busca, estão resignificando algo que não se concretizou no período de sua infância, mas que agora neste momento de suas vidas eles buscaram e encontraram, ou seja, reencontraram a si mesmos.

A memória da escola através das lembranças dos alunos e alunas, misturando-se ao cotidiano, ao vivido, resgatando identidades, dignidade e esperanças. Somos como uma colcha de retalhos, pedacinhos de vários tons e tamanhos, que no nosso viver cotidiano, nas relações com as pessoas e no mundo.

Pedacinhos que visto do lado de dentro, são retalhos sobre retalhos alinhados pelas linhas do tempo da vida; vistos por fora mostram a realidade inacabada, contudo refletem o que somos e estamos sendo em nossa vida cotidiana, e esses pedacinhos vão se encaixando, se juntando, dando liga, fazendo sentido, fazendo com que a visão do todo tome forma em nossa imaginação, de como será o acabamento final de tão linda obra, a nossa vida. “E assim somos nós, com nossas vidas, nossas cumplicidades, nosso cotidiano, nossas subjetividades, resignificando nossas vivências e experiências passadas a cada vez que nela mexemos”. (Mota, Pacheco, 2005, p. 66).

Se queremos que a nossa sociedade seja uma “sociedade democrática”, onde todos sem exceção tenham acesso a todo tipo de conhecimento, é preciso aprender a respeitar o outro: “A reciprocidade exige essencialmente que a partir de minha dimensão teleológica, eu aprenda a do outro”. (BEAUVOIR, 1970, p. 243). Quando nos colocamos no lugar do outro, procuramos sentir o que ele sente, como sente. Quem sabe, poderemos realmente nesta sociedade aprender com os “velhos”, considerando-os iguais, sendo respeitado e respeitando, e vivenciando histórias e relatos do cotidiano cheios de significados, vivências e conhecimentos de pessoas como estas, com as quais aprendemos que a “lei da vida é mudar”. (BEAUVOIR, 1970, p. 15).

BIBLIOGRAFIA:

- ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês B de. (orgs.). (2001). **Pesquisa no cotidiano no/das escolas – Sobre rede de saberes**. Rio de Janeiro: DP & A.
- BEAUVOIR, Simone de. (1970). **A velhice – A Realidade Incômoda**. São Paulo: Difusão Européia do Livro. Tradução de Heloysa de Lima Dantas.
- BOSI, Ecléa. (1994). **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras.
- CÂNDIDO, Antonio. (2003). **Os Parceiros do Rio Bonito**. 10ª ed. São Paulo: Duas Cidades.
- FREIRE, Paulo. (1987). **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. MACEDO, Donaldo. (1990). **Alfabetização: Leitura do mundo leitura da palavra**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (1992). **Pedagogia da esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (2003). **Cartas à Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis**. (Org. Ana Maria Araújo Freire). 2ª ed. rev. São Paulo: Editora UNESP.
- MENEGON, Vera. (1999). Por Que Jogar Conversa Fora? Pesquisando no Cotidiano. In: SPINK, Mary Jane (Org.) **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações Teóricas e Metodológicas**. São Paulo: Cortez. p. 215-241.
- MOTA, Aldenira. PACHECO, Dirceu Castilho. (2005). **Escola em Imagem**. Rio de Janeiro: DP&A.
- Novo Dicionário Aurélio Básico de Língua Portuguesa – Folha de São Paulo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- RIBEIRO, Vera Maria Masagão. (1997). (coord, e texto final). **Proposta Curricular para o 1º segmento do ensino fundamental**. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC.

Márcia Aparecida Luna Rodrigues Germano E-mail: mapage@ig.com.br;
Marcos Reigota E-mail: marcos.reigota@uniso.br.